

## NIETZSCHE E OUTRAS VOZES

Guilherme Figueira BORGES\*

Sônia de Fátima ELIAS\*\*

### RESUMO

Apresentamos, nesse estudo, uma discussão sobre a manifestação de vozes outras no capítulo “Dos Virtuosos” da obra *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche. A reflexão será balizada pelos construtos da Análise do Discurso Francesa, mais notadamente nos estudos de Pêcheux (1997, 2002) em diálogo com os estudos de Foucault (1995, 1996) e de Authier-Revuz (1982). Esboçamos uma análise que evidencia a manifestação de diferentes vozes acionadas na e pela materialidade linguística nietzschiana.

Palavras-Chave: Acontecimento Discursivo; Heterogeneidade; Sujeito-autor.

### 1. DIZERES INICIAIS

[...] na ordem do discurso literário,[...] pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer.(FOUCAULT, 1996, p. 27-28)

É inegável que haja um indivíduo que toma a caneta e busca (d)escrever na folha em branco suas angustias e visões do mundo ou, o que não é raro, na criação de um mundo que lhe é próprio. Um indivíduo de carne, que sofre na pele as impressões da realidade e que impõe a caneta para um ato de criação, sem, contudo, conseguir prever o devir de sua criação. Essa imprevisibilidade se dá na medida em que, no ato de criação, o indivíduo é chamado a inscrever-se em posições para enunciar e constituir sentidos. O indivíduo, assim, pelo ato de escrita, e ao mesmo passo, torna-se e é tornado sujeito. Como sujeito, ele é chamado a assinar, como seus, discursos que já foram ditos,

---

\* Universidade Estadual de Goiás – UEG, unidade de Iporá

E-mail: guilherme.borges@ueg.br

\*\*Doutoranda em Linguística, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: soniafelias@gmail.com

cabendo a esse sujeito-autor a função de organizar, por uma estética outra do dizer, um *jamais dito* (FOUCAULT, 1996).

Neste texto que ora apresentamos, queremos propor uma análise do capítulo “Dos Virtuosos” da obra *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche (1998, 2008a). Análise essa que se dará a luz da Análise do Discurso francesa (AD), convergindo para os estudos fundadores da AD de Michel Pêcheux, no que se refere à noção de acontecimento (2002), condições de produção (2001) em diálogo com os postulados do filósofo Michel Foucault (1995, 1996) acerca da constituição do sujeito e da linguista Authier-Revuz (1982) sobre as heterogeneidades: constitutiva e mostrada.

Objetivamos mostrar que na e pela configuração estética do dizer nietzschiano vozes bíblicas emergem e são ressignificadas. As vozes bíblicas no dizer nietzschiano configuram-se como um *já-dito* oriundo de uma Formação Discursiva<sup>1</sup> Cristã e a desidentificação com essa Formação Discursiva (FD) (im)pulsiona Nietzsche à fundação de um lugar outro no campo da filosófica, desse modo, essas vozes despontam também como *um jamais-dito*.

Acreditamos que a emergência do dizer nietzschiano se dá no batimento de uma estrutura e um acontecimento (Pêcheux, 2002). Dessa forma, língua e história se atritam para a produção de sentidos. Tendo em vista os movimentos discursivos desencadeados no interior do dizer nietzschiano, avaliamos que o processo de constituição do sujeito-autor explicita-se por meio de diferentes vozes que passam a ser contornadas, negociadas e, sobretudo, imprevisíveis.

A negociação e a imprevisibilidade manifestam-se nos enunciados no interior de movimentos argumentativos, em que a enunciação acena para estratégias traçadas para garantir possíveis direções argumentativas. Como nos chama a atenção Foucault, as vozes que emergem no dizer nietzschiano e são ressignificadas não são simplesmente “uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘jamais dito’, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não passa do vazio de seu próprio traço.” (FOUCAULT, 1995, p. 28)

---

<sup>1</sup>Adotamos a noção foucaultiana de Formação Discursiva, que se trata de uma demarcação, entre enunciados, de “semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações)” (FOUCAULT, 1995, p. 43).

## 2. REMONTANDO ALGUNS CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Iniciamos dizendo que, na perspectiva da AD, o sujeito não é uno, indivisível, homogêneo, mas sim heterogêneo, fragmentado, clivado entre a consciência e a inconsciência. Assim sendo, a movimentação do sujeito entre posições faz emergir uma polifonia sustentadora do dizer, em que vozes estabelecem relações entre si de afirmação, negação, contradição, etc.

Na busca dessa constituição do sujeito surgiram inúmeros estudos na França e, por conseguinte no Brasil, dentre os quais pode-se destacar, por exemplo, o de *Heterogeneidade Discursiva*, de AUTHIER-REVUZ (1982), a *Função-Autor*, de FOUCAULT (1992), as *Condições de Produção* do discurso, cunhado na teoria discursiva de MICHEL PÊCHEUX (2001) e a noção de *Acontecimento Discursivo* (2002).

Nessa perspectiva iniciaremos com a contribuição de AUTHIER-REVUZ (*op.cit.*), que toma como base para sua pesquisa, os estudos de Bakhtin, focalizando a questão do discurso ser atravessado por discursos outros, sendo esse atravessamento constitutivo dos discursos. Todo discurso é heterogêneo e as marcas “palpáveis” de outros discursos são, então, segundo a autora, heterogeneidades mostradas em “negociação” com a heterogeneidade constitutiva.

O sujeito, portanto, vale-se da heterogeneidade mostrada em *uma atividade de controle-regulagem do processo de comunicação* (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 14), que visa controlar ilusoriamente os efeitos de sentido e a presença do “outro” em seu discurso. Ampliando a visão bakhtiniana, AUTHIER-REVUZ afirma que as formas sintáticas também determinam a demarcação do “outro” nos discursos, haja vista que

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso. (1982, p. 12)

De fato, a “dialogicidade interna do discurso” é fenômeno que orienta a estrutura de todo e qualquer discurso, pois a linguagem verbal é essencialmente dirigida para a interação verbal e para o outro da interlocução.

AUTHIER-REVUZ assume a noção de heterogeneidade constitutiva como condição sem a qual não há discurso. Não manifestada através de marcas linguísticas explícitas, mas resguardada pelos pressupostos psicanalíticos do discurso atravessado pelo inconsciente, pelo interdiscurso e pela orientação dialógica de todo discurso, esta noção é o princípio de sustentação das outras formas de heterogeneidade enunciativa: a *mostrada* (marcada e não-marcada).

De tal modo, a autora considera a heterogeneidade mostrada como sendo uma maneira de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva. Este acordo se dá sob a forma de denegação, ou seja, o sujeito (locutor) reformula o seu próprio dizer marcando seu enunciado com um sentido diferente, o qual se marca no espaço do outro (interlocutor). Como resultado, o sujeito garante um efeito de sentido de que o resto do dizer é todo seu. Isto é, ao se circunscrever na alteridade o sujeito garante uma unidade ‘aparente’.

O trabalho de AUTHIER-REVUZ se desenvolve mais originalmente no domínio da heterogeneidade mostrada. A autora propõe dois tipos de enunciados: aqueles em que se pode apreender linguisticamente a presença do *outro* no *um*, isto é, evidenciando a heterogeneidade com marcas explícitas (*mostrada marcada*) e aqueles em que a heterogeneidade não é visível linguisticamente (*mostrada não-marcada*).

Exemplificaremos como podemos perceber evidências da *heterogeneidade mostrada marcada*, em enunciados: primeiro no discurso relatado, em que enunciador se vale de suas próprias palavras para transmitir o discurso de um outro (*discurso indireto*) e em segundo, quando o sujeito recorta as palavras do outro e as cita (*discurso direto*), assinalando estas palavras no seu discurso através de por meio de aspas, itálico, glosa ou seja, as “operações locais explícitas” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 36).

No que diz respeito à *heterogeneidade mostrada não-marcada*, aquela que não se encontra visível na materialidade linguística, temos apenas um efeito da presença do outro que pode ser apreendido pela configuração estética do dizer, contando com um dizer outro para produzir sentido sem, necessariamente, explicitá-lo.

Gostaríamos, nesse ponto, de já adiantar que nossa análise mostrará como vozes bíblicas emergem no e pelo dizer nietzschiano de uma forma não-marcada. Dizendo de outro modo, no fio do dizer de Zaratustra vozes bíblicas irrompem ao nosso olhar de sujeito-leitor, sem que haja a presença de marcas desse outro como, por exemplo, de aspas, glosas, itálico, etc.

Trata-se então de escapar da armadilha da transparência da significação, buscando aquilo que institui o sentido: as suas condições de produção, o seu sujeito fragmentado, mas estruturado a partir da linguagem por isso *assujeitado*(não-consciente). Sentido este que radicalmente se instaura mesmo no silenciamento.

De fato, o sujeito resultado da relação entre linguagem e história, não é a fonte única do sentido, nem tampouco elemento onde se origina o discurso. Ele se constitui, primordialmente, a partir da sua relação com o *Outro*. O discurso do Outro ecoa, retorna sempre, atestando a exterioridade primordial da constituição do sujeito, interferindo nos dizeres efetivos do sujeito e, produzindo neste uma ilusão de que o sentido já existe como tal, neutralizando o que é produzido na relação do histórico e do simbólico.

Quando falamos em enunciação para a AD, somos remetidos inevitavelmente a escolhas, uma vez que o sujeito segue determinações discursivas, em que se tem o “dito” em detrimento do “não dito”, assim sendo, ao analista, “a descrição do acontecimento do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”(FOUCAULT, 1995, p.31).

Portanto, para Foucault, o que determinará o aparecimento de um enunciado e não outro é a inscrição que o sujeito faz em determinadas FD. Relacionar o dizer com sua própria materialidade é considerá-lo algo misto, múltiplo, heterogêneo, dizendo de outro modo, é acreditar que em uma discursividade os dizeres não surgem do nada, são em contrapartida, uma relação constitutiva entre o “outro” e o “mesmo”, o “outro” dado pelo acontecimento enunciativo que propicia outras possibilidades de sentido para o dizer, dada a casualidade histórica, e o “mesmo” pelo interdiscurso que vincula, de certo modo, o dizer nietzschiano como o nó de uma rede, ou seja, as palavras de Zaratustra encontram-se imbricadas a outros discursos que a precedem e/ou a sucedem.

Vale ressaltar que, no interdiscurso, encontramos a dispersão, uma vez que não podemos determinar em um discurso, precisamente, sua origem e, muito menos, seu fim. Cabe ainda dizer que é relevante, a nós enquanto analistas do discurso, lançar o

olhar para as condições de produção do acontecimento discursivo<sup>2</sup> nietzschiano, na medida em que elas podem ser fontes reveladoras das balizas do sujeito na história.

Em relação ao *acontecimento discursivo*, vemos uma sintonia na forma de tratamento tanto em Foucault (2004) quanto em Pêcheux (2002). Essa visão se justifica, pois para ambos a enunciação é (i) da ordem do irrepetível; e na e pela enunciação (ii) o dizer, enquanto materialidade, é afetado pela história. É relevante remarcarmos ainda que, por isso, na perspectiva da AD, no e pelo acontecimento, há um atravessamento do outro no discurso o que possibilita aos dizeres uma ressignificação. Assim, esse acontecimento funciona como um princípio que organiza e movimenta, na relação de um contexto de atualidade e de um espaço de memória, o retorno de um dizer na cadeia histórica dos significantes.

Assim, os dizeres são (re)organizados pelo acontecimento, nos remetendo sempre a um dizer ilusoriamente transparente, uma vez que aparece como efeito de evidência, ou seja, de que não poderia ser outro naquele momento, mas também se revela carregado de opacidade, porque traz consigo práxis anteriores, possibilitando sua emergência e/ou dissimulação. Portanto, o acontecimento é o responsável por fazer um dizer que irrompe numa FD Cristã, produzindo sentidos que exortam os sujeitos a uma docilidade dos corpos e a uma negação da vida, desloque-se e venha a se ressignificar no dizer nietzschiano, produzindo dizeres e sentidos outros. Por isso, o acontecimento nietzschiano dota a voz de Zarathustra de marcas/vestígios de outros acontecimentos a que fizera parte.

Vejamos, agora, como Foucault definiu acontecimento na sua relação com a enunciação, ele declarou que

a supressão sistemática das unidades permite restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento; não é mais considerado simplesmente como manifestação episódica de uma significação mais profunda que ele; é tratado na sua irrupção histórica; o que se tenta observar é a incisão que constitui sua emergência. (FOUCAULT, 1998, p.23)

Como podemos perceber, para Foucault, o acontecimento funda uma incisão que possibilita a irrupção da singularidade na história. Esse autor nos interpela a pensar na

---

<sup>2</sup> Consideramos que o acontecimento discursivo se difere do acontecimento enunciativo na e pela natureza do evento enunciativo. O acontecimento enunciativo possui como característica estabelecer movências entre posições dentro de um mesmo espaço/lugar discursivo. Já o acontecimento discursivo caracterizar-se-á pelo deslocamento para um espaço/lugar outro a partir do qual outros acontecimentos enunciativos poderão acontecer.

rede discursiva que o acontecimento dissimula, é preciso que o analista busque (re) construir uma rede de práticas, de poderes e saberes, que propiciam um acontecimento enquanto emergência do outro na casualidade histórica.

O tratamento do acontecimento nos estudos de Foucault (1995) reforça a natureza movente e fragmentária do sujeito e, por conseguinte, dos discursos. A manifestação de outros discursos se mostra num contínuo de possibilidades sempre em alteridade (des)contínua entre um desestruturar e um reestruturar, por fim os dois lados de um processo: o a discursivização. A discursivização, a nosso ver, é mais do que uma ação do discurso como uma análise etimológica nos sugere, tomamos a discursivização como um processo, num tempo e num espaço, de movimentação (in)tensa de discurso nas práticas dos sujeitos.

Para compreender melhor a noção de acontecimento no campo da AD, é fortuito pensar metaforicamente na feitura do crochê: uma linha entrelaçada a uma agulha produzirá um trançado para a constituição de um objeto. Se olharmos para a linha como o discurso e para a agulha como o sujeito a tecer seu dizer, teremos uma enunciação na tensão da feitura de um nó que une acontecimentos na tessitura da história. Portanto, vemos que, na noção de acontecimento em Foucault, há um sujeito em alteridade descontínua impedindo a linha de manter-se linear e sem tensão, produzindo uma (re)estruturação das relações de força nas práticas sócio-histórico-discursivas.

Concomitantemente ao acontecimento discursivo num processo enunciativo, convém voltar à teoria pecheutiana (1997) para podermos considerar marcas das suas condições de produção que irão constituir uma discursividade. Essa discursividade diz respeito aos discursos nietzschianos em sua materialidade linguística, pensando nos vestígios sócio-histórico-ideológicos de sua constituição e produção, determinantes para a circulação e manutenção dos dizeres emanados de Zaratustra.

Pêcheux considera que o estudo dos processos discursivos supõe duas ordens de pesquisa, sendo relevante destacar uma delas neste estudo: “o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso – que chamaremos daqui em diante suas condições de produção” – e seu processo de produção [...]”(PÊCHEUX, 1997, p.75).

A partir dessa posição, o autor elabora uma matriz fundada na teoria materialista da discursividade, constituindo-se em um trajeto outro, cujo caminho nos permite compreender as condições históricas da produção e circulação de um discurso,

ponderando que é no momento que a língua se dá ao equívoco, que a ideologia emerge fazendo com que os sentidos transbordem.

Por essa matriz, Pêcheux (*ibidem*, p. 83-84) considera que no discurso não encontramos um sujeito empírico, mas sim, sua representação em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Essa representação é construída a partir de várias formações imaginárias, cuja função é indicar o lugar que enunciador e enunciatário atribuem a si mesmo e ao outro. Ou seja, ela vai designar a imagem que cada um faz do seu próprio lugar e do lugar do outro, o que configura por antecipar uma construção imaginária que propicia uma elaboração de estratégias discursivas.

Nessa perspectiva, o que se leva em conta entre os partícipes de um acontecimento discursivo, não é um conhecimento prévio das regras que conduzem essa troca linguageira, mas justamente aquilo que lhes escapa. O que conferirá sentido ao que um enunciador diz, é sua posição ideológica, a qual se encontra submetido. Portanto, a maneira como um sujeito se desdobra como efeito de relações desiguais, contraditórias e diversas permearão sua condição de sujeito interpelado, e ao mesmo tempo, como enunciador, tornando-se sujeito de sua palavra.

Podemos concluir, que as relações que se estabelecem nesse jogo de imagens não são pré-estabelecidas, ao contrário, vão se constituindo no transcorrer do processo discursivo, seja ele escrito ou oral.

### 3. UM OLHAR SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DIZER NIETZSCHIANO

As condições de produções de produção do acontecimento discursivo nietzschiano pode ser caracterizada pelos seguintes elementos: o momento histórico do século XIX, os estudos pré-socráticos e a desidentificação com a religião, presente na educação dada pela família, incidiram de forma tensiva na maneira de pensar de Nietzsche. A tensão era tanta que Nietzsche chegou a enunciar que “Não sou um homem, sou dinamite” (NIETZSCHE, 2008b, p. 102), estando pronto para explodir com os valores de uma moral cristã e de uma filosofia socrático-platônica.

Nietzsche mostrou, filosoficamente, que se poderia estabelecer um vínculo entre a ciência e a arte; que a razão pode servir às vontades do corpo; que a vida pode ser um

olhar para o hoje. Conforme veremos, a filosofia pensada por Nietzsche foi bombástica para o seu momento histórico, uma vez que, na ordem discursiva na e pela qual enunciou, não se poderia contradizer a moral religiosa cristã e o pensamento socrático-platônico.

Foi preciso que Nietzsche suportasse o peso de se pensar noções que estavam além do próprio tempo em que esteve vivo, e que só poderiam ser interpretadas, levando em consideração a sua dimensão, anos mais tarde. Como vimos, a obra de Nietzsche nasceu póstuma, e como se definir um lugar para tal obra? Quais são os dizeres que perpassam o acontecimento enunciativo de tal obra? Como se pode perceber, esses questionamentos não podem ser esgotados com esse artigo, mas convém enunciá-los na medida em que eles apresentam nossas interpelações.

A obra *Assim Falava Zaratustra* apresenta, então, uma heterogeneidade temática que se legitima na regularidade e na dispersão. Regularidade, dado que se percebe o vínculo à forma literária da tragédia e à musicalidade herdada de Wagner. E na dispersão pela rede conceitual que Nietzsche mobiliza e coloca em ação na trama narrativa. Tanto isso é verdade que, ao lermos a obra, sentimos os efeitos de uma inversão dos dizeres bíblicos; os efeitos de um vínculo ao devir heraclítico; uma (de) negação dos postulados socrático-platônicos, dentre outros autores e teorias que são mobilizados e ressignificados por Nietzsche.

Esse Vínculo chega ao ponto de, na obra *Assim Falava Zaratustra*, não se poder mais distinguir as origens – onde está a musicalidade de Wagner? Quais são as vozes dos filósofos pré-socráticos que são evocados? –, o que se apresenta ao olhar do sujeito-leitor é literatura com cunho filosófico e/ou filosofia por um viés literário. O que se faz presente é um amálgama heterogêneo e multiforme, restando-nos somente perseguir os efeitos, na forma de vozes, de uma memória que é evocada. A relação constituinte, constituída e constitutiva da forma estrutural (tragédia e musicalidade) e dos conceitos mobilizados torna o dizer parabólico de Zaratustra de difícil compreensão e faz com que o sujeito-autor se sinta solitário.

Nietzsche teve uma vida de reclusão, de solidão para pensar sua filosofia; uma vida, sobretudo, de acontecimentos discursivos, mas sem ouvidos, em seu momento histórico, que pudessem entender a extensão de seus dizeres. Fazendo menção a um adágio popular, dizemos que Nietzsche *remava contra a maré de seu tempo* e lutou,

intensamente, em sua empreitada filosófica, contra a dominação da moral religiosa vigente de sua época. Nietzsche foi instaurador de uma moral outra que valorizasse a vida, o corpo e o poder (de saber e de fazer). E, apesar de ser mal compreendido, não deixou de enunciar e instaurar deslocamentos, inscrevendo-se em lugares outros e dando vida e, sobretudo, voz a Zaratustra, o pregador de sua moral.

Mostrar a vida de Nietzsche se torna relevante na medida em que, a partir dela, podemos vislumbrar um pouco das condições de produção de seu dizer. Contudo, enquanto analistas de discursos, devemos trabalhar, não com sua vida, mas sim, a guisa do que nos aconselha Barthes (1987, p. 53), declarando a sua morte, pois, assim, podemos trabalhar com a singularidade da materialidade histórica de seu dizer que ecoa na história.

Não trabalhamos, portanto, dado o lugar teórico em que nos inscrevemos, com o sujeito no mundo, com um sujeito empírico, enfim, com uma intencionalidade do autor. Pelo contrário, trabalhamos com sujeitos que são constituídos discursivamente, na movência entre posições e/ou, ainda, em suas práticas/relações de poder. Portanto, quando fizermos menção a “Nietzsche”, de agora em diante, gostaríamos que o compreendessem como uma função (FOUCAULT, 1992), função essa cuja característica primordial é uma estética de vozes que estão em constante (de)negação, formulação, reformulação, contradição e dispersão.

Torna-se relevante dizer, por conseguinte, que Zaratustra reflete uma instância de autoria, na medida em que tal personagem é a proclamadora de vozes. Nietzsche é uma função (autor) e Zaratustra o sujeito com o qual ele exerce seus objetivos. As vozes que emergem da enunciação nietzschiana se evidenciam, portando, a partir da referencialidade polifônica do sujeito-autor, como nos assegura Santos (2007, p.196), há uma base discursiva que baliza

o imaginário sociodiscursivo dos sujeitos actantes no processo enunciativo. Essas bases comportam referentes de natureza histórica, social, cultural, filosófica, psicológica, política e lingüística, determinantes da circunscrição do sujeito em formação social, de sua filiação em um espaço discursivo e de sua alteridade enunciativa numa diversidade de formações discursivas e ideológicas.

Em seguida, exporemos como os dizeres do sujeito-zaratustriano revelam uma multiplicidade de outras vozes.

#### 4. NIETZSCHE E OUTRAS VOZES

Como material de análise extraímos dois excertos do capítulo “Dos virtuosos” da obra *Assim Falava Zarathustra*, de Nietzsche (1998, 2008a), para mostrarmos que vozes bíblicas emergem no romance nietzschiano como uma heterogeneidade constitutiva mostrada e não-marcada. Lançaremos o olhar para as noções de “virtude” e de “virtuoso” que são ressignificada e deslocadas para um outro lugar no acontecimento discursivo nietzschiano.

Vejamos o primeiro excerto:

Ainda quereis ser bem pagos, ó virtuosos! Quereis receber uma recompensa pela virtude e o céu em troca da terra e a eternidade em troca do vosso dia de hoje?  
E, agora, estais furiosos comigo, por eu ensinar que não há distribuidor de recompensas, nem tesoureiro? E, na verdade, eu nem sequer ensino que a virtude seja a recompensa de si própria. (NIETZSCHE, 1998, p. 106)

Nesses dizeres, podemos perceber que há um certo tom de ironia que denota, dentre outros, alguns efeitos discursivos que gostaríamos de destacar nessa análise: a prática da resistência a uma FD cristã; relações-outras de/no exercício de poder; fabulação de vozes bíblicas que fundam uma (des)crença-outra.

Esse tom de ironia tem por função, também, desestabilizar saberes que se encontram arraigados nas sociedades e que são, pois, tidos como verdades inquestionáveis, para se propor saberes outros. Torna-se relevante dizer que se ironiza, quando se quer dizer algo outro, a ironia legitima sua força de atuação numa memória dos dizeres, em nosso caso, numa memória bíblica. A partir dessa ironia, Nietzsche (1998, 2008a) rarefaz as noções de “virtude” e de “virtuoso”, propondo assim uma constituição outra para o sujeito que deveria, numa perspectiva nietzschiana, lançar o olhar para o seu “Eu” enquanto forças que pulsam e anseiam por poder e por dominação. Para entendermos melhor essa ressignificação de vozes bíblicas convém apresentar os seguintes dizeres bíblicos que dizem respeito ao dízimo como uma prática de virtude a ser adotada para si, enquanto verdade, pelos cristãos:

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos exércitos, se eu não vos abrir as janelas do

céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância. (A BÍBLIA SAGRADA, 1995, p. 969)

Numa FD cristã, o sujeito-dizimista é aquele que, ao oferecer o dízimo à “casa do tesouro”, receberá uma compensação por tal ação. A oferta do dízimo está ligada ao oferecimento de uma recompensa, ou seja, a bem aventurança em vida e/ou a entrada no Reino dos Céus. Pode-se dizer que no dizer de Zaratustra, vemos se manifestar essa voz do livro de Malaquias, sobre a recompensa aos dizimistas. Mas essas vozes são ressignificadas pelo processo ironia, para que haja a fundação de um sentido outro para o virtuoso e a prática da virtude.

É relevante dizer que essa ressignificação se torna possível na medida em que, na e pela descontinuidade histórica, instauram-se posições-sujeito-outras, nas quais o sujeito pode se inscrever e realizar uma movência do sentido de seu dizer, tomando como base práticas discursivas que se encontravam outrora cristalizadas. A prática discursiva da/naFD cristã esteve, por um longo tempo, cristalizada e tida como verdade inquestionável, legitimando assim uma relação de saberes e de poderes que marca o exercício de poder da igreja cristã. Nietzsche, ao negar essa relação de saber e poder da FD cristã, toma os postulados bíblicos como um ponto para se fundar um outro lugar, a FD filosófica anticristã.

Contudo, é relevante dizer que o sujeito, ao deslocar-se para outro lugar, apresenta marcas do lugar de partida, da passagem e do lugar outro. Queremos, com isso, afirmar que aquilo que o sujeito – ou, em nosso caso, Nietzsche – nega o constitui de certa maneira. Vemos, então, que há um *não-dito* constituinte e constitutivo daquilo que enunciado pelo sujeito autor, Nietzsche não controla esse outro que se manifesta em seus dizeres. Pelo contrário, essas vozes outras emergem em seu dizer a sua revelia.

Na constituição do sujeito-zaratustriano, vemos a manifestação de outras vozes se manifestarem, na medida em que o acontecimento discursivo de uma posição-sujeito-outra mobiliza vozes de uma posição-sujeito-uma (em nosso caso, de uma FD cristã) que se configura como sua anterioridade histórica. Cremos que o inverso traz em sua constituição marcas do verso. A presença de vozes bíblicas, por conseguinte, se dá a revelia de Zaratustra na medida em que ele não controla, por se configurar inverso, o verso que se encontra, de certo modo, marcante em seus dizeres como as faces de uma moeda no câmbio dos acontecimentos discursivos.

Lancemos o olhar, nesse momento, ao segundo excerto:

E outros há que são puxados para baixo: são os seus demônios que puxam por eles. Mas quando mais se afundam, tanto mais ardente é o brilho dos seus olhos e a maior ânsia pelo seu Deus. (...)

Os seus joelhos estão sempre em adoração e as suas mãos são panegíricos da virtude, mas o seu coração nada sabe do assunto. (...) (NIETZSCHE, 1998, p. 107-108)

A partir do enunciado em que Zaratustra diz haver alguns seres humanos cujos “Os seus joelhos estão sempre em adoração e as suas mão são panegíricos da virtude” (*op.cit.*, 1998, p. 108), percebemos uma exterioridade agindo nesses dizeres, uma vez que são evocados sentidos de uma FD Cristã, a saber: o ato de oração, que consiste, segundo a moral cristã, em dobrar os joelhos e juntar as mãos para se dirigir a Deus em sinal de humildade.

Essas vozes do ato de oração numa FD cristã, instaurada por uma memória, são rarefeitas e perdem o prestígio que lhe é atribuído na moral cristã, tido como ato a ser seguido. Para Nietzsche, o ato de dobrar os joelhos e unir as mãos é um ato que demonstra servidão, ato esse que não reflete o coração do ser humano que a pratica, ou seja, o “Eu” de cuja vontade de poder é reprimida, sufocada, dada como algo oriunda de um “demônio”.

Desse modo, essa exterioridade é responsável pela delimitação das fronteiras de um dizer, fazendo retornar o que já fora enunciado em infindáveis (re)combinatórias de enunciação. Consideramos relevante destacar, também, que a exterioridade, enquanto memória, determina os limites e as (im)possibilidades de movência do sujeito entre posições-sujeitos de uma FD cristã e de uma FD filosófica na qual o Zaratustra de Nietzsche se inscreve para enunciar.

É por essa exterioridade constitutiva, que podemos perceber vozes cristãs se manifestando na enunciação literário-filosófica de *Assim Falava Zaratustra*, travando-se um diálogo entre esta obra e a *Bíblia*, por exemplo. Considerar, então, que a obra *Assim Falava Zaratustra* se instaura por uma exterioridade implica em considerar o acontecimento narrativo impregnado por dizeres-outros de uma FD cristã. Zaratustra, desse modo, não é origem de seus dizeres, posto que eles são perpassados por vozes de uma anterioridade discursiva.

Assim, postulamos que a bíblia mostra-se como o exterior constitutivo de saberes da obra de Nietzsche. E olhar para o diálogo existente entre a obra de Nietzsche (2008a,

1998) e a *Bíblia* (1995) se torna relevante na medida em que se pode vislumbrar as bases da movência que Nietzsche estabelece em relação à FD cristã. Vemos, desse modo, que a dominação é constituinte da insurreição como seu exterior. A partir disso pode-se pensar que todo oprimido traz em si o germe da dominação.

Gostaríamos de encaminhar esta análise das outras vozes em Nietzsche com os dizeres de Zarathustra, indicando que “Ah!, meus amigos, que o vosso Eu esteja na vossa acção, tal como a mãe está no filho! Para mim, há-de ser essa a vossa noção de virtude.” (NIETZSCHE, 2008a, p. 110). Uma vez que, por esses dizeres, pode-se perceber que ser “virtuoso” para Nietzsche é o ser humano se por em seu ato. Ser “virtuoso” é reconhecer-se constituído por vontades de poder e deixar que elas germinem e gerem frutos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, construímos uma reflexão sobre as vozes outras que emergem da materialidade linguística de excertos do capítulo “Dos Virtuosity” da obra *Assim Falava Zarathustra*, de Nietzsche (1998, 2008a). Para tal, fizemos uma breve discussão e mostramos um possível diálogo que se estabelece entre os trabalhos de Authier-Revuz com as heterogeneidades, o de Foucault e Pêcheux acerca da noção de acontecimento discurso, considerando tanto a questão das formações imaginárias, quanto as circunscrições sócio-ideológicas do sujeito-autor. Na sequência, fizemos uma breve incursão sobre as condições de produção de um discurso e vimos que elas compreendem sujeitos em condições de produção do discurso. Assim, uma enunciação produz sentido, na medida em que ela está em conformidade com a ideologia na qual o sujeito-autor se inscreve.

Por fim, apresentamos uma proposta de análise que objetivou lançar o olhar para a emersão das vozes bíblicas e dos sentidos ressignificados no dizer de Nietzsche (1998, 2008a). A partir da análise, pudemos perceber que as vozes bíblicas emergem na voz de Zarathustra enquanto um efeito de memória que, no acontecimento discursivo de uma FD filosófica, propicia a fundação de um saber outro no campo da filosofia.

## NIETZSCHE AND OTHER VOICES

### ABSTRACT

We present, in this study, a discussion about the manifestation of other voices in the chapter “On The Virtuous” of the work Thus Spoke Zarathustra, Nietzsche. The discussion is delineated by the constructs of French Discourse Analysis, most notably in the Pêcheux studies (1997, 2022) in a dialogue with Foucault’s studies (1995, 1996) and Authier-Revuz (1982). We draft an analysis that shows the expression of different voices which are set in and by the Nietzsche’s language materiality.

Key-words: Discursive event; Heterogeneity; Subject-author.

### REFERÊNCIAS

A *BÍBLIA Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

AUTHIER-REVUZ, J. “Hétérogénéité montrée e hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours”. In: *DRLAV – Revue de Linguistique*, n.26, 1982.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Bras. 3ªed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. Trad. Bras. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. Sobre a epistemologia das ciências; resposta ao círculo epistemológico. In: Foucault *et al.* *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis: vozes, p.9-55, 1998.

NIETZSCHE, F. W. *Assim Falava Zarathustra*. Lisboa: Relógios D’Água, 1998.

\_\_\_\_\_. *Assim Falava Zarathustra*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1997.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 3ª ed. 2002.

\_\_\_\_\_. *A análise automática do discurso – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux.*

In: GADET, F. & HAK, T. (orgs) op.cit., p.61-161, 2001.